

A hospitalidade na vida e na obra de Pedro Casaldáliga e as interpelações de Francisco

Marília Murta de Almeida¹

Resumo: Neste texto, trato de mostrar o que o Papa Francisco apresenta na Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a importância da hospitalidade para a construção de um mundo fraterno. Apresento também a figura do testemunho que Francisco sugere como modelo para a ação fraterna, inspirado na parábola do Bom Samaritano. Passo então a Pedro Casaldáliga que, por sua vida e obra, pode ser visto como um testemunho tal como o entende o Papa.

Palavras-chave: Hospitalidade. Fraternidade. Testemunho. Espiritualidade. Ação.

*Podemos definir Deus como aquele
que esvazia nosso abismo interior do
ódio fratricida que ele contém
para o encher de amor?*
Paul Beauchamp

1. Introdução

O estudo que resultou neste texto nasceu de uma inquietação pessoal gerada por intenso interesse e admiração por Pedro Casaldáliga. Tal inquietação me levou a buscar conhecer a sua obra poética, ao mesmo tempo em que me impulsionou a melhor entender minha própria fé, o que aprendi ser também tarefa da teóloga e do teólogo. A vida e a obra do Bispo do Araguaia passaram a funcionar para mim como figuras de testemunho cristão e, assim, como orientação para o meu próprio caminho.

A esse movimento pessoal se juntou o interesse coletivo da Faculdade Jesuíta em torno da encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, que veio a ser o centro articulador do Simpósio de 2021 da faculdade. O tema da hospitalidade, que saltava aos olhos em meus estudos da poética de Pedro², estava lá também na encíclica do Papa. É, pois, na confluência desses dois caminhos que agora escrevo.

Buscarei na *Fratelli Tutti* o apontar do caminho por onde percorrer a poética de Pedro Casaldáliga em torno do tema da hospitalidade, sem deixar de dizer ao menos uma palavra sobre o testemunho de sua própria vida. Nesse percurso, nos depararemos com duas dimensões da hospitalidade, uma interna e outra externa. A dimensão da interioridade é melhor percebida em sua obra poética e fala diretamente de sua relação com Deus. A dimensão externa

¹ Mestre em filosofia pela UFMG, doutoranda em teologia pela FAJE. Email: mariliamurtaa@gmail.com.

² Ana Helena Tavares, biógrafa de Pedro Casaldáliga, se refere a ele em quase todo o seu livro *Um bispo contra todas as cercas* (TAVARES, 2020) como *Pedro*. Era assim que ele gostava de ser chamado, como podemos ler ou ouvir em várias de suas entrevistas, e assim também me permito aqui me referir a ele.

percebemos em sua vida e nos tantos escritos pastorais que nos deixou e deixa clara sua relação com o mundo e com o outro humano, todos seus irmãos. As duas dimensões configuram sua espiritualidade, que é toda a sua vida, como ele mesmo diz: “Yo soy mi espiritualidad. Nadie la vive por mí” (CASALDÁLIGA, 1998, p. 2).

Em ambos os registros, da Fratelli Tutti e da obra de Pedro, percebemos a inspiração franciscana, da qual tratarei no início do percurso. Esta inspiração nos ajudará a compreender a amplitude da ideia de hospitalidade ou hospedagem.

2. O hospedar

A palavra hospitalidade denota a capacidade de hospedar, ou seja, de receber na própria casa outra pessoa, acolhendo, oferecendo espaço para dormir e alimentando. É preciso, para tanto, espaço e recursos. Metaforicamente, podemos estender essa noção à interioridade humana e pensar na hospitalidade interna necessária para receber, em si mesmo, ideias e/ou emoções que venham de fora. Tal movimento parece inerente à espiritualidade, quando se experimenta uma relação interiorizada com Deus; para tanto, é necessário *receber* Deus em si mesmo. Desenvolveremos neste texto a ideia de que essas duas dimensões da hospitalidade são inerentemente relacionadas, na medida que a abertura a Deus tem como consequência o receber do Amor que é o caminho para a abertura ao outro, fazendo com que percebamos que a possibilidade de abrir a própria casa ao outro é sinal da abertura do coração. Pelo menos assim parece ser a experiência de Pedro Casaldáliga.

Essa parece ser também a indicação da Fratelli Tutti. E ambos, Pedro e Francisco, nos fazem ver a importância do *outro* Francisco, o pobre de Assis, para o que pensam e fazem.

2.1 A inspiração franciscana no Papa Francisco

Jorge Bergoglio, quando escolhe o nome Francisco para si mesmo ao assumir o pontificado, já explicita a linhagem da qual gostaria de fazer parte, aquela de São Francisco de Assis. Passa a ser o primeiro Papa chamado Francisco, quase oitocentos anos depois de sua morte. Alinhar-se a Francisco significa alinhar-se aos ideais de pobreza, desnudamento e abertura a Deus, ao mundo e ao outro, traços que são marcas da experiência vivida do santo de Assis.

Mas, para além dessa homenagem que todo o pontificado de Bergoglio faz a São Francisco, suas duas últimas encíclicas, a *Laudato Si'* e a *Fratelli Tutti*, explicitam a inspiração e influência franciscanas em seu pensamento. A *Laudato Si'* (FRANCISCO, 2015), ao abordar o problema ambiental e expressar a ideia de uma espiritualidade que abarca o mundo e a

natureza, evoca diretamente a experiência de São Francisco por sua relação fraterna com todos os seres do mundo. A consideração de todos os seres como irmãos permanece hoje como abertura de caminho para as contemporâneas ecoteologias.

Na Fratelli Tutti, que aqui nos interessa de perto, a ênfase se desloca para o irmão humano e a fraternidade é chamada ao seu lugar estrito em prol de uma humanidade que de fato se entenda como ligada por laços intrínsecos à sua condição. Criados irmãos por um Deus que é Pai e Mãe, os seres humanos são chamados a prestar contas uns dos outros, como lemos no Livro do Gênesis logo depois dos textos sobre a *criação*. A história de Caim e Abel inaugura a visão de Deus sobre o conflito entre os seres humanos. Assim, a pergunta feita por Deus a Caim (Gn 4,9) deve ser escutada por todos nós: *onde está o seu irmão?*

Logo ao início da encíclica (FRANCISCO, 2020, n. 1-4, p. 1-2), o Papa se refere diretamente a Francisco de Assis como inspiração ao que se seguirá. Chama atenção ao movimento franciscano de esvaziamento completo de qualquer desejo de domínio e de abertura ao diferente. Cita a visita de São Francisco ao Sultão Malik-al-Kamil, do Egito, como exemplo do esforço de estabelecer laços quando pareceria haver inimizade e conflito. Para tanto, o santo de Assis, segundo o Papa, exerceu sempre a atitude da *escuta* (FRANCISCO, 2020, n. 48, p. 13), que é emblemática da abertura e consideração do outro. O que o outro é, o que diz, o que pensa, como vive, interessa diretamente àquele que se põe diante dele com interesse e abertura. A abertura pode ser percebida como criação de espaço para receber, que vimos ser inerente à capacidade de hospedar.

2.2 A inspiração franciscana em Pedro Casaldáliga

Pedro, em entrevista concedida na Praça São Pedro, quando foi convocado a comparecer no Vaticano para dar esclarecimentos sobre suas ações em São Félix do Araguaia, no Mato Grosso, diz que a Igreja deveria conjugar São Pedro e São Francisco e que a face franciscana lhe faz falta (CASALDÁLIGA, 2015). Com essa declaração, deixa evidente a crítica contumaz que fazia aos excessos materiais da Igreja, especialmente do Vaticano, e aponta, no seio da própria tradição católica, o caminho de São Francisco de Assis como uma espécie de corretivo para tais excessos. O pobre de Assis teria algo a dizer à rica Igreja de Roma.

Em *Experiencia de Dios y pasión por el pueblo*, Pedro se pergunta sobre como Francisco viveria na contemporânea América Latina e faz um exercício de imaginação em torno da ideia. Por fim, agradece a Deus pela existência de Francisco e expressa sua vontade de ser como ele: “¡Alabado sea mi Señor porque un día nos dio esta humana criatura llamada Francisco y porque

todavía hoy nos da esta inquieta voluntad de ser también nosotros latinoamericanamente franciscanos!” (CASALDÁLIGA, 1983, p. 60).

No livro de poemas *Clamor elemental*, há uma série de poemas intitulada “Criaturas irmãs” (CASALDÁLIGA, 1971, p. 75-97). São cânticos dedicados a objetos ou seres da natureza, todos tomados como irmãos, em clara referência a Francisco. Nessa linha, nos anos de seu adoecimento pelo Mal de Parkinson, passou a chamar a doença de “Irmão Parkinson”³. Em *Cantares de la inteira libertad*, lemos um poema chamado “Oração a São Francisco” (CASALDÁLIGA, 1984a, p. 30), em que o autor homenageia mais uma vez o santo de Assis.

Por fim, cito ainda as muitas páginas de *En rebelde fidelidad* dedicadas a São Francisco, ali chamado de “o pobre livre de Assis” (CASALDÁLIGA, 1984c, p. 17), e em quem Pedro vê uma só ação: o desnudar-se (CASALDÁLIGA, 1984c, p. 69). Desnudamento já apontado pelo Papa e que podemos reconhecer como o primeiro movimento propiciador da desejada abertura ao outro.

Para finalizar essas linhas dedicadas a São Francisco, leiamos um dos pequenos poemas da série “Criaturas irmãs”, para que percebamos também o louvor e a abertura à beleza do mundo, em todos os seus seres, movimento inerente à espiritualidade franciscana e também à de Pedro:

SABIÁ
Paró el motor. (El río no paraba,
pero callaba todo él, tendido,
mientras el sol doraba el intervalo,
y la lluvia esperaba, contenida
en la frontera gris del horizonte...)
Y entonces, invisible como el alma,
rompió a cantar el sabiá divino. (CASALDÁLIGA, 1971, p. 97)

3. A Fratelli Tutti

O Papa Francisco faz um chamado à fraternidade em sua encíclica *Fratelli Tutti*. Para tanto, põe em exercício a escuta que vimos fazer parte da espiritualidade franciscana aqui evocada como inspiração. A escuta se abre em dois movimentos, um de abertura ao mundo, outro de abertura interior. Na interioridade e na exterioridade a abertura se faz escuta do outro, que é a outra pessoa humana, mas é também Deus, como veremos com mais clareza nos escritos de Pedro Casaldáliga.

Na *Fratelli Tutti* vemos a ênfase no desdobramento desse movimento em ação concreta no mundo, como podemos perceber desde sua abertura (FRANCISCO, 2020, n. 1-8, p. 2-3). A

³ Encontramos tal referência em várias entrevistas de Pedro ou reportagens sobre ele nos últimos anos de sua vida. Um exemplo encontra-se no site IHU, da Unisinos (IHU, 2015).

fraternidade deve ser visível no modo como tratamos nosso irmão. Entretanto, o Papa não tem nenhum romantismo ou idealização desta ideia. Na consciência do quanto não temos ainda exercido a abertura exigida para a construção do mundo fraterno, Francisco faz, no primeiro capítulo da encíclica, um diagnóstico da situação vivida pelas sociedades contemporâneas. E o que constata é uma sucessão de fechamentos que caminham em sentido contrário ao que irá propor no desenrolar de sua carta. Chamo atenção aqui ao que ele comenta, citando Bento XVI, sobre a globalização, que talvez já tenha sido sinal de esperança do encontro entre os povos: no mundo globalizado, somos todos vizinhos, mas não irmãos (FRANCISCO, 2020, n. 12, p. 4). A fraternidade é, portanto, mais do que ter o outro como visível e acessível; para que o outro seja o irmão é preciso agir como tal em relação a ele.

Nesse mundo de vizinhos não irmãos, proliferam os que o Papa chama de “descartáveis” (FRANCISCO, 2020, n. 18-20, p. 5-6). Uma gama enorme de pessoas que ficam à margem das sociedades, sem direitos e sem lugar. A cultura do descarte cresce à medida em que avançam as tecnologias da comunicação que, ao contrário do que pareciam prometer, não aproximam os seres humanos uns dos outros (FRANCISCO, 2020, n. 42-43, p. 12). Ao contrário, em nossas sociedades, o outro é visto com medo e desconfiança (FRANCISCO, 2020, n. 27, p. 8), o que gera atitudes opostas àquelas que refletiriam a hospitalidade. O medo e a desconfiança levam, sim, à construção de muros e cercas, proteção em relação ao outro, distanciamento. O diferente e o estrangeiro são colocados para fora, à distância. Ou, no extremo oposto do movimento que hospeda, são combatidos em conflitos e guerras (FRANCISCO, 2020, n. 26, p. 7-8).

Diante e dentro deste mundo em que a separação e a distância em relação aos vizinhos parecem ser as atitudes que imperam, Francisco nos chama para a percepção de que estamos todos juntos em nossa *casa comum* e de que é preciso que repensemos nosso modo de vida a partir dessa consciência (FRANCISCO, 2020, n. 33, p. 9-10). Dividimos a mesma casa, esse planeta que temos desrespeitado tanto quanto ao irmão, e nela temos o dever de refazer os laços entre nós e entre nós e a Terra.

Tal transformação deve caminhar no sentido de que não pensemos mais em *nós e os outros*, mas sim apenas em *nós* (FRANCISCO, 2020, n. 35, p. 10). Que nos vejamos como um conjunto uno de seres da mesma espécie compartilhando o mesmo espaço e o mesmo tempo, como uma família ou um grupo de amigos que mora na mesma casa. Francisco prossegue afirmando que tal proposta tem fundamento no próprio cristianismo, que afirma a “a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e a lei suprema do amor fraterno” (FRANCISCO, 2020, n. 39, p. 11).

É, pois, o cristianismo mesmo que nos permite a sustentação para a possibilidade de, diante do outro, estabelecer um novo modo de relação em que o medo e a desconfiança cederiam lugar à abertura ao outro, ao “desejo e à capacidade de encontrar o outro” (FRANCISCO, 2020, n. 41, p. 11).

Neste sentido, o Papa então apresenta, no segundo capítulo da encíclica, a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) para propor o samaritano como modelo normativo para a ação ética cristã (FRANCISCO, 2020, n. 56, p. 15-16). Podemos descrever este modelo como aquele capaz de agir gratuitamente em auxílio daquele que necessita, daquele que está despojado de tudo, ferido, sem posses, sozinho. Ao agir assim, o samaritano se faz *próximo* daquele que encontra em seu caminho necessitando de ajuda (FRANCISCO, 2020, n. 80, p. 22). A pergunta sobre quem é o próximo que devemos amar se desdobra deste modo no entendimento de que a obediência ao mandamento que nos pede para *amar o próximo* se faz por meio da atitude de *fazer-se próximo*. O próximo, assim, é aquele de quem me faço próximo, de quem me aproximo. Aproximar-se é então a ação emblemática de quem segue esse modelo do samaritano. Aproximar-se é, também, o movimento oposto ao do distanciamento das cercas e muros.

O samaritano, ao fazer-se próximo, dá conta de seu irmão, como a responder à pergunta de Deus a Caim: meu irmão está aqui, ferido e só, e eu cuido dele. E essa ação nos interpela hoje como a nos chamar ao exercício do amor que rompe muros e cercas e estabelece pontes, de modo a propiciar o estabelecimento de um novo vínculo social (FRANCISCO, 2020, n. 57, p. 16). E a transformação do vínculo é o caminho para a profunda transformação social de que necessitamos.

Entretanto, tal transformação não é possível sem que irrompa no tecido social a indignação frente à realidade daqueles que estão “nas margens da vida” (FRANCISCO, 2020, n. 68, p. 18). Com esse alerta, o Papa nos faz perceber que a transformação não será nunca alcançada sem esforço humano intencional para realizá-la e que o princípio deste esforço está na indignação capaz de gerar a luta pela dignidade humana.

Francisco aponta ainda o que podemos entender como a radicalidade do movimento da aproximação, que seria a possibilidade de perceber a si mesmo no outro: “Quando o coração assume esta atitude, é capaz de se identificar com o outro sem se importar com o lugar onde nasceu nem donde vem. Entrando nesta dinâmica, em última análise, experimenta que os outros são ‘a sua carne’ (Is 58, 7)” (FRANCISCO, 2020, n. 84, p. 22-23). Assim, é na visão da própria carne no outro diferente de si que a pessoa humana tem a chance de experimentar a máxima proximidade em relação ao seu irmão; na máxima proximidade tem lugar o máximo espaço dado ao amor.

Neste ponto, Francisco cita a chamada parábola do juízo final (Mt 25, 31-36), enfatizando o v. 35: “Era forasteiro e recolhete-me” (FRANCISCO, n. 84, p. 22). Acolher o outro forasteiro é acolher Jesus; do mesmo modo, descartar o outro é descartar Jesus. Com isso entendemos a força da ideia de que não pode haver cristianismo em meio à cultura do descarte.

Por fim, encerro esta breve passagem pela Fratelli Tutti com a evocação, pelo Papa Francisco, da temática da hospitalidade como meio para que possamos construir um mundo em que cada um de nós seja abertura ao outro, individual e coletivamente: “A hospitalidade é uma maneira concreta de não se privar deste desafio e deste dom que é o encontro com a humanidade mais além do próprio grupo” (FRANCISCO, 2020, n. 90, p. 24).

Além de si mesmo e do próprio grupo, a pessoa humana tem a chance de fazer-se hospitalidade ao outro, seu irmão, e ao espírito que a habita.

4. Um testemunho

Partindo desse contexto explicitado pelo Papa Francisco, podemos ver a figura do samaritano como a de um testemunho. Ou seja, a norma ética é dada não por algum código de prescrições ou por algum conjunto de normas teóricas, mas sim pela figura exemplar de um testemunho. É então como testemunho que faço entrar nesta reflexão a figura de Pedro Casaldáliga, o bispo do Araguaia.

4.1 A vida de Pedro

Não cabe aqui entrar em detalhes da vida de Pedro Casaldáliga, catalão que chegou a São Félix do Araguaia em 1968 e faleceu há pouco mais de um ano, em agosto de 2020. Encontra-se disponível na internet alguns documentários, inúmeros pequenos vídeos, além de quase toda a extensa obra de Pedro⁴. Para o que nos interessa nesta reflexão, cabe colocar em relevo a face da hospitalidade vivida por ele. Segundo inúmeros relatos, Pedro tinha por hábito manter sua casa com portas e janelas sempre abertas, ele próprio sempre pronto a receber quem quer que chegasse. Leiamos um trecho do relato de Teófilo Cabestero, entre tantos outros de mesmo tom, na apresentação de *Experiencia de Dios y pasión por el Pueblo*:

Esta casa del obispo de São Félix es una más entre las casas sencillas del lugar. Es de toco ladrillo, sin revocar. Tiene entrada, sala intermedia, cocina y tres cuartos estrechos idénticos: sin puerta, una cortinita, una mesa de 50 por 35centímetros entre dos camas bajas. En una de estas camas duerme el obispo. (...)

⁴ No site koinonia (Página de Pedro CASALDÁLIGA (servicioskoinonia.org)), encontra-se grande parte da obra escrita. Alguns exemplos de vídeos: Pedro Liberdade, um rio que passou em nossa terra (PEDRO LIBERDADE: UM RIO QUE PASSOU EM NOSSA TERRA - YouTube); Pedro, profeta da esperança (PEDRO, PROFETA DA ESPERANÇA - Documentário da Verbo Filmes sobre Dom Pedro Casaldáliga - 08/8/2020 - YouTube); Descalço sobre a terra vermelha (Descalço sobre a Terra Vermelha | TV Brasil (ebc.com.br)).

Esta casa del obispo y del equipo pastoral siempre está abierta y por ella pasa el pueblo. Veo llegar personas de São Félix y de otros poblados, miembros de los equipos de pastoral (algunos con sus hijitos); indios como Carlos, el joven jefe karajá que reconquistó la tierra de su aldea en Luciara, y Timoteo, el tapirapé que trae a su esposa sangrando al hospital; enfermos (indios karajá con tuberculosis, su enfermera Angela con hepatitis), ancianos en busca de la libreta de jubilados, el pobre alelado que viene a tomar algo, colonos a concretar casamientos... Cualquiera día, en cualquier momento, se presentan políticos de la región, periodistas, un Mayor militar (nervioso) a cumplimentar al obispo, visitas del Brasil, de América Latina, de Europa... Los niños entran y salen como por su parque y merodean las gallinas de la vecina (el gallo nos canta, desafinado y cruel, a las 4 de la madrugada al pie de nuestras camas). Y pasan las vacadas. Suenan los tambores desde el colegio, ensayando el desfile del Día de la Patria... (No se puede cerrar porque te asfixias, pero abierta, esta casa es del viento que nos cubre de polvo). (CABESTERO in CASALDÁLIGA, 1983, p. 6-7)

Nessa casa em que Pedro vivia, visitantes, vizinhos, índios, crianças, mulheres entravam como se entrassem em sua própria casa. A casa de portas abertas acolhia como seus moradores quem nela quisesse entrar. Esta característica do modo de vida instaurado por Pedro em São Félix refletia sua abertura interna, como exploraremos à frente. Ao mesmo tempo, nos mostra, na realidade concreta, a experiência da hospitalidade vivida com radicalidade. O diferente, o estrangeiro, o pequeno, eram todos recebidos.

É, pois, a partir desse horizonte aberto pela própria vida de Pedro que abordaremos a sua obra poética. Nela perceberemos com clareza a dupla dimensão da hospitalidade vivida por ele e expressa em sua poesia – receber o outro na ação concreta do mundo, receber o espírito na interioridade.

4.2 A teopoética: a obra de Pedro

Há algum tempo vem se desenvolvendo na teologia uma vertente própria para o encontro entre o saber teológico e a expressão literária. Tal vertente tem sido chamada de teopoética ou teoliteratura. Ainda que não se possa chegar a uma definição estrita deste campo, é patente seu intuito de fazer dialogar as duas áreas em questão, partindo do pressuposto de que o texto poético/literário tem algo a dizer à teologia. Muitas vezes este trabalho traz ao campo teológico textos que não têm nenhuma intenção dessa natureza, ou seja, trata-se de buscar a teologia onde ela nem sempre estará explícita. No caso de Pedro Casaldáliga, ao contrário, estamos em pleno contexto teológico, na medida que sua poesia nasce nesse campo e a ele se dirige. Suas inquietações são teológicas, mesmo que não sistematicamente teológicas. Mística, espiritualidade e teologia formam um todo inseparável em sua obra poética.

Portanto, para o autor que dizia ser constituído pela espiritualidade, como vimos no início deste texto, sua obra poética também é reflexo disso. A espiritualidade de Pedro é transparentemente visível em sua vida e em sua obra. E o nome primeiro dessa unidade é amor.

Amor que, longe de ser abstração teórica, é vida fremente, como podemos ler no pequeno “El corazón lleno de nombres”:

Al final del camino me dirán:
—¿Has vivido? ¿Has amado?
Y yo, sin decir nada,
abriré el corazón lleno de nombres. (CASALDÁLIGA, 1986, p. 40)

Ou, ainda, no belíssimo “Vanderléia”, que nos mostra com grande delicadeza o amor do bispo por uma menininha, e do qual copio aqui apenas um trecho:

Tengo una amiga
que tiene un año.
Con dos dientes arriba
y dos abajo.
Y una sonrisa
por todo lo ancho.
Va desnuda como un lirio,
por los mosquitos picado.
(...)
Vanderléia se ríe
por todo lo ancho,
y el corazón del Mato Grosso
se esponja con cien mil pájaros. (CASALDÁLIGA, 1971, p. 58-59)

O amor pela criança se desdobra em amor pela natureza, pelo Mato Grosso, pelo mundo inteiro nas asas de cem mil pássaros. A sensibilidade que se entrega ao sorriso da menina e se deixa levar por sua expansão nos põe diretamente em contato com a espiritualidade de Pedro que parece nos convidar para *ser* com ela. Sorriso de poucos dentes, mas de infinita largueza, como a traduzir a tensão humana entre a pequena e limitada dimensão e a infinitude do alcance da abertura que nos constitui.

Passemos então à leitura da obra poética de Pedro na perspectiva da temática da hospitalidade.

4.2.1 A hospitalidade

O que dissemos no início deste texto sobre a dupla via da atitude de hospedar encontra na poética de Pedro uma vasta expressão. A hospitalidade que se traduz nos atos de receber, acolher e alimentar se mostra nas duas vertentes, inerentes à experiência humana, uma interior e outra exteriorizada no mundo. Na via da interioridade encontra-se a alteridade do Espírito, de Deus, da Vontade Outra que nos habita e interpela. A poesia de Pedro nos permite o vislumbre desta sua experiência, o que quer dizer que a palavra poética é uma via para o alcance da interioridade do poeta, invisível em si mesma. Na via da exterioridade encontra-se ou outro humano, assim como a alteridade do mundo e da natureza. E esse encontro é visível na

exterioridade das ações concretas no mundo. No caso de Pedro, em sua vida inteira de dedicação ao outro, ao pequeno, ao pobre, fazendo-se sempre próximo de cada um que encontrava.

Entretanto, no rosto do outro é Jesus que Pedro encontra, como a seguir à risca as palavras da já citada parábola do juízo final, quando Mateus nos faz ver que é a Jesus que acolhemos ou rejeitamos quando acolhemos ou rejeitamos o necessitado que nos interpela. E assim percebemos a unidade das duas vias, que tem implicação teológica: a relação com Deus que se passa na interioridade humana e a relação com os outros seres – humanos e não humanos – que se desenrola na exterioridade do mundo são faces do mesmo movimento da hospitalidade. Trata-se, assim, de um duplo acolher que se implica mutuamente.

Retomemos agora tais passos com a leitura de uma sequência de poemas que nos permitem compreender mais largamente suas implicações teológicas.

No pequeno “Soledad”, vemos a introdução de um elemento a mais nas relações que acabo de apresentar: o elemento que se relaciona, seja com Deus ou com o irmão encontrado no mundo, é o *eu* de cada um que, nesses encontros, relaciona-se também consigo mesmo.

Leiamos:

Como una novia imposible,
me ronda la soledad.
Cuando la abrazo, me encuentro;
cuando me encuentro, se va. (CASALDÁLIGA, 1984a, p. 40)

A solidão que ronda o poeta se traduz como “noiva impossível” porque não é jamais alcançada. Quando abraçada, o abraço se desdobra em encontro consigo mesmo; encontrando-se, já não há solidão. Se entendemos a solidão como via de acesso à interioridade, vemos nela o encontro consigo mesmo. Mas aí também tem lugar o encontro com Deus, que chega como um rio que nos invade:

COMO UN RÍO
(Por el Río das Mortes)

Como un río que me invade mansamente.
Que penetro, deslumbrado. Como un río
que me arrastra, poderoso, en su corriente
mientras abro, libremente, el curso es mío.

Como un río que respeta mis orillas.
Con el cielo todo entero en su regazo.
Que yo sigo, por las noches, de rodillas
y circundo, bajo el sol, con un abrazo.

Como un río que me acuna, que me sacia.
Que yo invento con las aguas de Su gracia.
Como un río ya llegado y por llegar.

Donde muere el día y nace el día nuevo.
Como un río que me lleva y que yo llevo.

Como un río que se sabe río y mar. (CASALDÁLIGA, 1986, p. 10)

O poema diz da experiência de ver-se invadido por um rio em que, ao mesmo tempo, se penetra. O curso do rio arrasta o sujeito, mas é também próprio dele. A subjetividade abre-se, entrega-se, mas também se reconhece na corrente que a arrasta. É um rio e tem seu curso, mas respeita as margens que são próprias daquele que se deixa invadir. E o rio traz consigo o que o ultrapassa, o céu que se encontra inteiro em seu regaço. Na origem das águas está a Graça. Mas o movimento é ainda mais complexo: o rio sacia e é ao mesmo tempo inventado pelo *eu* do poema. A subjetividade é ativa e passiva no mesmo ato: recebe e inventa o rio, e a origem das águas é a graça de Deus. As águas têm origem em Deus e nos atingem; nos saciam e embalam e, ao mesmo tempo, com elas inventamos o rio que nos invade. Podemos pensar que o poeta inventa a imagem do rio e os versos do poema a partir da graça divina, origem do mundo e de nossa capacidade criativa. Deus nos habita e nos põe a criar, tal como Ele criou. Nos conduz e nós O conduzimos, na medida em que O carregamos conosco. Individualizados e ao mesmo tempo parte integrante do todo maior, rio e mar, seguimos no mundo com Deus. O que somos e o que Deus é se encontram na interioridade humana. E o que somos *é e não é* autônomo em relação ao que Deus é. Tal é a tensão ou o paradoxo da experiência humana.

Todavia, receber as águas divinas tem como consequência a demanda a que nos deixemos guiar por uma vontade que não é a nossa, o que não se faz sem esforço, tal como lemos em “¡Oh dios mayor!”:

Voy a intentar querer lo que Tú quieres
y hacer Tu voluntad contra la mía.
Quiero dejarTe ser lo que Tú eres:
¡Único, Otro, Nuevo cada día! (CASALDÁLIGA, 1986, p. 32)

É preciso o esforço de tentar querer o que Ele quer e contrariar a vontade própria para tanto. Hospedar Deus em nós significa abrir-se ao que Ele é e deixá-Lo ser em nós; querer o que Ele quer é deixá-Lo viver em nós, e isso contraria nossa autonomia, o que reflete a imensa dificuldade de tal intenção. E mais, o poeta nos põe diante do que ele entende como o *ser* de Deus que quer viver por meio de nós: “Único, Outro, Novo a cada dia”. E assim percebemos que nossa dificuldade não se dá apenas pelo fato mesmo de nos deixarmos ser algo diferente de nós, mas também porque o que este outro Ser é nos é também absurdamente difícil: a novidade constante dada por sua unidade sempre renovada; a cada instante, único em si, Deus não está preso por nenhum compromisso histórico ou fruto do costume. Diferente de nós, Deus está inteiro em si a cada instante. Deixar-se renovar pelo renovar constante de Deus nos exige permanente entrega ao novo que aparece. Exigência desafiadora para nós que aderimos tão

facilmente aos cursos da história que nos capturam e aprisionam. E aqui podemos vislumbrar a força teológica da noção de *libertação*.

Mas voltemos à intuição de Pedro Casaldáliga em relação ao Deus que se hospeda em nós. Vimos acima a imagem do rio e das águas, veremos abaixo no soneto “Versión de Dios” a imagem da luz que não cabe no vazio do nosso barro:

En la oquedad de nuestro barro breve
el mar sin nombre de Su luz no cabe.
Ninguna lengua a Su Verdad se atreve.
Nadie lo ha visto a Dios. Nadie lo sabe.

Mayor que todo dios, nuestra sed busca,
se hace menor que el libro y la utopía,
y, cuando el Templo en su esplendor Lo ofusca,
rompe, infantil, del vientre de María.

El Unigénito venido a menos
traspone la distancia en un vagido;
calla la Gloria y el Amor explana;

Sus manos y Sus pies de tierra llenos,
rostro de carne y sol del Escondido,
¡versión de Dios en pequeñez humana! (CASALDÁLIGA, 1986, p. 11)

No oco do nosso barro breve não cabe o infinito da luz divina. No entanto Ele vem e nos preenche, através do ventre de Maria. Neste poema vemos a passagem da experiência individual para aquela que, ainda que particularizada em Maria, concerne a todos nós, na medida que se refere ao ato fundante da encarnação de Jesus. Através de Maria, o Deus escondido, o Deus do qual ninguém nunca viu a face, o Deus de quem desconhecemos a verdade torna-se para nós visível no corpo de Jesus, “versão de Deus em pequenez humana”. Nossa sede insaciada de Deus tem agora diante de si a chance de ser satisfeita na visibilidade proporcionada por esse que surgiu menino do ventre de Maria. A encarnação, deste modo, viria resolver, para nós, o impossível impasse entre nossa pequenez e a grandeza do que aspiramos. A hospitalidade vivida por Maria ao aceitar em si o crescimento daquela luz serve para nós de modelo e guia. Maria deixou Deus ser nela e nascer para o mundo através dela. Através dela, pôde ser o Deus que pisa a terra e suja os pés no meio de nós.

E, assim, como Maria, também nós somos chamados a acolher o sopro que, por meio de nós, encontra seu lugar no mundo. Acolhemos o sopro divino e, ao fazê-lo, exercitamos o amor a Ele e entregamo-nos às suas causas. É o que lemos em “Calumnia, que alguien queda”:

Voy a engarzar en paz esas espinas
entre las rosas todavía nuevas.
Mi voluntad rendida Tú examinas,
Tú mi holocausto sin retorno pruebas.

Tus manos han ceñido mis riñones

desde la mocedad. Te ha reservado
mi corazón la flor de sus carbones.
Si he amado, Señor, a Ti te he amado.

Mi opción de eunuco por el Reino ostento
sobre esta frágil condición de hombre,
capaz, con todo, de acoger Tu aliento.

Cuando el lagar su desazón concluya,
Tú salvarás la causa de mi nombre
que sólo quiere ser la Causa Tuya. (CASALDÁLIGA, 1986, p. 9)

A presença de Deus é aí sentida como incômoda, como perturbação que não deixa em paz o poeta. Com Suas mãos que apertam os rins, Deus invade a subjetividade que então se rende: “se amei, Senhor, foi a Ti que amei”. Amando, o poeta faz das causas de Deus as suas causas. A causa de seu nome será salva como causa de Deus, do Deus que nos invade e vive através de nós, fazendo dos nossos corpos o meio para o exercício do Seu amor e da Sua causa. Temos aí claramente o movimento de acolhimento do sopro que nos percorre a interioridade e se exterioriza por meio das causas que guiam nossas ações no mundo. Assim parece ter sido a experiência de Pedro.

Causas que encontraram na sua poética uma expressão cristalina no conhecidíssimo “Pobreza evangélica”:

No tener nada.
No llevar nada.
No poder nada.
No pedir nada.
Y, de pasada,
no matar nada;
no callar nada.

Solamente el Evangelio, como una faca afilada.
Y el llanto y la risa en la mirada.
Y la mano extendida y apretada.
Y la vida, a caballo, dada.

Y este sol y estos ríos y esta tierra comprada,
para testigos de la Revolución ya estallada.

¡Y “mais nada”! (CASALDÁLIGA, 1984a, p. 42)

“Somente o Evangelho, como uma faca afiada” é o que Pedro pretende carregar consigo como arma para levar adiante a pretendida luta pelas causas de Deus. Na “vida, a cavalo, dada” se faz essa luta em meio aos rios e à terra. A vida é dom a ser vivido na natureza que também é dom. Todavia, a terra em que pisa o poeta é terra comprada, o que nos remete imediatamente ao mundo concreto da política. A terra comprada diz das estruturas econômicas que regem nossa organização social. E podemos então voltar aos últimos versos da primeira estrofe – “nada matar; / nada calar” – que surpreendem pela ação positiva aí embutida: falar. É preciso falar

para denunciar as injustiças do mundo humano. E assim compreendemos melhor a ideia de que defender as causas de Deus implica em lutar por elas, pois não se encontram garantidas no mundo concreto. A construção de um mundo regido pelo amor e pela fraternidade não é a realidade entre nós. No Brasil em que Pedro viveu, amou e lutou, muito ainda há a ser denunciado e conquistado nesse sentido.

Seguimos então para a consequência radical do acolhimento em si do Deus que é amor e que nos pede o amor. Acolher o outro irmão é muitas vezes ter que lutar por ele em um mundo que parece perpetuar o movimento da exclusão e do descarte, para não esquecermos a expressão usada pelo Papa Francisco. E lutar pelo irmão num país como o nosso é, muitas vezes, lutar para que não falte a ele o pão. Segundo Pedro, só há na vida dois absolutos, Deus e a fome⁵. Assim, a espiritualidade cristã deve necessariamente se desdobrar em luta pela garantia do pão que é matéria e espírito. Leiamos, nesta perspectiva, o belo “El pan de cada día”:

Primero sea el pan,
después la libertad.
(La libertad con hambre
es una flor encima de un cadáver).
Donde hay pan,
allí está Dios.
“El arroz es el cielo”,
dice el poeta de Asia.
La tierra
es un plato
gigantesco
de arroz,
un pan inmenso y nuestro,
para el hambre de todos.
Dios se hace Pan,
Trabajo,
para el pobre,
dice el profeta Ghandi.
La Biblia es un menú de pan fraterno.
Jesús es el Pan vivo.
El universo es nuestra mesa, hermanos.
Las masas tienen hambre,
y este Pan
es su Carne,
destrozada en la lucha,
vencedora en la muerte.
Somos familia en la fracción del pan.
Sólo al partir el pan
podrán reconocernos.
Seamos pan, hermanos.
Danos, oh Padre, el pan de cada día:
el arroz o el maíz o la tortilla,
el pan del Tercer Mundo! (CASALDÁLIGA, 1984b, p. 81-82)

⁵ Frase atribuída a Pedro por diversos testemunhos e que podemos ler, por exemplo, em breve artigo de Maria Clara Bingemer (BINGEMER, 2014).

Com este poema, Pedro responde explicitamente aos que o acusavam de não exercer sua função de sacerdote, que deveria se preocupar mais com as almas do que com os corpos, dizendo poeticamente, mas sem rodeios, que a “liberdade com fome seria como uma flor sobre um cadáver”. A beleza da flor sobre o cadáver é lamento e homenagem, mas não tem mais força de vida, pelo menos não em relação àquele corpo sobre o qual repousa. A flor dada à pessoa vivente tem a potência de despertá-la. A pessoa vivente necessita de seu corpo com força e saúde e para isso necessita do pão feito da matéria do mundo. Por isso, “primeiro o pão, depois a liberdade”. E, por isso, a luta pelo pão faz parte da missão do sacerdote.

Além disso, “onde está o pão, ali está Deus”. O pão, alimento que garante a vida, é sinal da presença de Deus no mundo, presença que jamais nos abandona. Mas o alimento que nos vem como dom não é apenas esse, é também o pão do Espírito que nos é dado em palavras, na Bíblia que “é um menu de pão fraterno”. Assim, Jesus, que é também palavra bíblica, é corpo que se oferece como “pão vivo”. Jesus é pão e palavra vivos que nos alimentam e nos põem a trabalho pela garantia de que o pão material não falte a ninguém. Para que a dádiva de toda a natureza que se oferece como “prato gigantesco de arroz” seja partilhada entre todos os seres que nela vivem.

E o poema finaliza em versos que soam como um convite para que nos ofereçamos, também nós, como pão ao outro com quem habitamos este mundo ou essa *casa comum*. Nesse sentido, lemos em seguida o poema em que Pedro assim se oferece e com isso nos remete à eucaristia:

MI CUERPO ES COMIDA

Mis manos, esas manos y Tus manos
hacemos este Gesto, compartida
la mesa y el destino, como hermanos.
Las vidas en Tu muerte y en Tu vida.

Unidos en el pan los muchos granos,
iremos aprendiendo a ser la unida
Ciudad de Dios, Ciudad de los humanos.
Comiéndote sabremos ser comida.

El vino de sus venas nos provoca.
El pan que ellos no tienen nos convoca
a ser Contigo el pan de cada día.

Llamados por la luz de Tu memoria,
marchamos hacia el Reino haciendo Historia,
fraterna y subversiva Eucaristía. (CASALDÁLIGA, 1996, p. 23)

Assim, o movimento da hospitalidade se completa: receber, acolher e alimentar. De cidade em cidade, o poeta se oferece, se faz pão para o outro. Por suas mãos, oferece juntamente

com Deus o que seria a Sua oferta. Junto a Deus, se oferece, fazendo-se plena hospitalidade. Trata-se de movimento que contribui para o Reino que, segundo Pedro, é o projeto de Deus para o ser humano; contribuir para o Reino é algo que se passa na história e que caminha em direção a Deus, como lemos neste trecho de *En rebelde fidelidad*:

Debería estar claro para todos los que hemos recibido el don de la fe: el Reino no es un proyecto del hombre para el hombre, sino el proyecto de Dios revelado al hombre y que el hombre debe acoger, descubrir y realizar. Sabiendo, en la fe, que es el propio Dios en Cristo quien lo realiza en plenitud – hoy, mañana, más allá del tiempo –. Un proyecto que coincide, aún superándolas, con las más limpias y profundas aspiraciones del hombre. (CASALDÁLIGA, 1984c, p. 31)

Assim, entendemos que o Reino está em Deus, fora da história, e que por enquanto nos cabe caminhar em sua direção e isso implica em um modo próprio de caminhar. A direção marca historicamente o caminho. A caminhada em direção ao Reino é necessariamente marcada pelo exercício permanente do amor, que é abertura e acolhida do outro, em movimento que revela hospitalidade a Deus e ao irmão.

4.2.2 Radicalidade do hospedar: o acolher da morte

Deste modo, hospedar o outro tem como consequência – ou talvez como seu pressuposto – que este não seja visto como inimigo ou perigo, mas sim como irmão. Ou como *fonte de vida*, tal como sugere Michel de Certeau, ao afirmar também que a superação da visão do outro como ameaça de morte é para o cristianismo sua via de verdade (CERTEAU, 2006, p. 263)⁶. Esta consideração de Certeau nos é aqui relevante para tocarmos naquilo que parece permanecer como correlato do que foi desenvolvido até aqui. Nos protegemos do outro, o tememos, porque ele representa para nós uma ameaça que, radicalmente, é a ameaça de morte. O outro me assusta porque pode significar a morte para mim. O medo e a luta pela própria sobrevivência estariam, assim, na base do conflito e da guerra nas sociedades humanas.

Pois bem, a hospitalidade em relação ao outro humano que me ameaça parece, portanto, implicar o acolher da morte. Na experiência de Pedro, as portas sempre abertas de sua casa refletem a abertura interna ao encontro com Deus, como já vimos, mas também a plena aceitação de sua própria condição de ser finito e sujeito à morte, a qualquer tempo, como lemos no poema “Ella”:

Va conmigo la Muerte,
como una madre antigua
que me acuna la suerte.

Como una casta amiga

⁶ Ver artigo publicado por mim na Revista Pensar, em que faço uma abordagem da poética de Pedro Casaldáliga a partir das reflexões de Michel de Certeau sobre a mística (ALMEIDA, 2020).

que evito y que me espera.

Como mi única hija verdadera. (CASALDÁLIGA, 1984a, p. 43)

“Casta amiga”, “única filha verdadeira”, a morte é a companheira do poeta, aquela que vai com ele pelo caminho da vida. Aquela que é evitada e que o espera. Que evitamos e que nos espera por todo o percurso da vida, mas cuja evitação não poderá jamais impedir nosso encontro final com ela que, assim, nos acompanha como certeza última. Entretanto, nos é possível também experimentar a esperança radical que anuncia a morte como passagem para um outro encontro, aquele com o Amor que nos conduz. Leiamos, neste sentido, “Ella vendrá”:

Ya la acogí, en las sombras, muchas veces
y la temí rondándome, callada.
No era el vino nupcial, eran sus heces;
era el miedo al amor, más que la amada.

Pero sé que vendrá. Confío en ella,
amada fiel de todos y maldita.
No hay modo de escapar a su querella.
Sin hora y sin lugar, ella es la cita.

Vendrá. Saldrá de mí. La llevo dentro
desde que soy. Y voy hacia su encuentro
con todo el peso de mis años vivos.

Pero vendrá... para pasar de largo.
Y en la centella de su beso amargo
vendremos Dios y yo definitivos. (CASALDÁLIGA, 1986, p. 9-10)

O poeta declara que já acolheu a morte nas sombras, já a teme, já a comparou com o medo do amor, mas que, sempre, mantém-se a certeza de que ela virá, a algum tempo e lugar desconhecidos. Ela, que é amada e maldita, temida e esperada, virá. E essa abertura ao amor, que recobre até a morte, se deve à esperança afirmada na estrofe final: através do “beijo amargo” da morte se dará a passagem ao encontro definitivo entre o *eu* do poeta e Deus. O ser humano, assim, tem a chance de repousar nessa esperança – nessa fé –, acolher a morte e assim ousar enfrentar o medo que afasta o irmão como inimigo.

Vemos, deste modo, como a espiritualidade vivida por Pedro Casaldáliga diz de uma profunda experiência de fé que constrói a estrutura necessária para que, no concreto da vida, ela atue em permanente abertura e acolhimento do outro, na denúncia da injustiça e na luta pela edificação de um mundo justo.

Entretanto, cabe aqui ressaltar que a ação que denuncia profeticamente não se encerrou e que Pedro nos alerta sobre o quanto ainda estamos distantes daquilo que Deus espera de nós.

4.2.3 Ainda não

No poema “¡Esas madres!”, Pedro nos mostra sua dor diante da realidade do sofrimento humano que parece não ter fim:

¡Esas madres
con sus hijos
que son tuyos, Padre nuestro!
¡Esas pobres de la tierra
que se mueren dando vida!
¡Ese mundo que las mata!
¡Esa casa inhabitable
que fue casa de tu Hijo!
¿¡Dónde estamos,
Tú y nosotros,
Padre nuestro? (CASALDÁLIGA, 1994, p. 27-28)

O tom do poema é de uma oração de súplica, como um salmo, e a dor se expressa como um chamado a Deus para que Ele se compadeça da dor experimentada pelas mães que sofrem com seus filhos. O poeta chama por Deus e se refere aos filhos daquelas mães como também Seus filhos. Chama também a Deus com a pergunta sofrida sobre onde Ele está. Mas também onde *nós* estamos, o que nos inclui e compromete com a causa que é de Deus e que deve ser também a nossa. A indignação frente ao mundo que mata e não acolhe a vida do pequeno e fraco coloca Pedro em posição de súplica e lamento. Leiamos também, nesse sentido, “¿Por qué me has abandonado?”:

Los muertos piden paz inútilmente:
somos hijos y padres de la guerra.
Piden en vano credencial de gente
los muchos condenados de la tierra.

Moloc yergue su altar y su pantalla
sojuzgando señor el mundo entero.
Calla, de miedo, la verdad. Y calla
degollado el amor, como un cordero.

Y Tú, ¿no dices nada?, ¿no te enteras?,
¿pides más cruz aún?, ¿más sangre esperas?,
¿no sabes imponerte, Amor frustrado?

¿Qué más le exiges a la pobre fe?
¡Dios mío y nuestro y de Jesús: ¿por qué
una vez más nos has abandonado?! (CASALDÁLIGA, 1996, p. 26)

Os condenados da terra, os desterrados, os esfarrapados do mundo “pedem em vão credencial de gente”. A dor aqui se faz pungente: o que se pretende é apenas ser reconhecido como gente; que todo ser humano – cada um de nós! – possa ser visto pelo outro e pelas estruturas sociais como gente, ou seja, humanamente. O poeta se desespera, mas não cessa de se dirigir a Deus a quem questiona: “não dizes nada? não te importa? pedes mais cruz ainda? esperas mais sangue?”. E a pergunta maior: “não saber te impor, Amor frustrado?”. Deus, ainda

chamado de Amor, é visto como impotente diante da injustiça humana. O poeta aí se perde na dor e na desesperança, como a nos alertar, para além do fato concreto de nossos desvios, de que estamos também sujeitos a essa perdição. A desesperança não é a palavra final de Pedro, como nos dizem o conjunto de sua obra e também sua obra de vida, mas faz parte de seu caminho. Faz parte do nosso caminho. E nos cabe, talvez, para sair da espera às vezes infrutífera da ação divina, nos comprometermos e agirmos por nós mesmos. Esse parece ser o chamado do poema “Los diez leprosos”:

Eran diez leprosos. Era
esa infinita legión
que sobrevive a la vera
de nuestra desatención.

Te esperan y nos espera
en ellos Tu compasión.
Hecha la cuenta sincera,
¿cuántos somos?, ¿cuántos son?

Leproso Tú y compañía,
carta de ciudadanía
nunca os acaban de dar.

¿Qué Francisco aún os besa?
¿Qué Clara os sienta a la mesa?
¿Qué Iglesia os hace de hogar? (CASALDÁLIGA, 1996, p. 20)

Quantos são os que beijam os leprosos? Quantos são os que se compadecem e agem em relação aos descartados do mundo contemporâneo? Quem ainda conhece Claras e Franciscos capazes de se abrir assim radicalmente ao amor que recebe, acolhe e alimenta? O chamado do poema não é, contudo, apenas a cada um de nós individualmente, é também à igreja de Cristo que tantas vezes tem se distanciado do caminho do Amor. A igreja que deveria se fazer lar para os leprosos é chamada a cumprir aquilo a que se destina.

Pedro se apresenta a nós, portanto, como testemunha e agente do Reino, denuncia o que não temos feito e nos chama a agir com ele, com Deus e por Deus, para que realizemos o Seu projeto para nós. E agora que já não pisa a terra conosco, Pedro nos acompanha com suas palavras:

VA MI PALABRA
No voy,
va mi palabra.
¿Qué más queréis?
Os doy
todo lo que yo creo,
que es más que lo que soy. (CASALDÁLIGA, 1986, p. 34)

O que ele crê, que é mais do que o que ele é, é o legado de Pedro para nós. Ele é um testemunho da real possibilidade de uma vida inteiramente entregue à fé que se faz vida e palavra poética, além de luta e ação no mundo.

5. Conclusão

Busquei mostrar, neste texto, a unidade de vida e obra em Pedro Casaldáliga a partir da chave compreensiva dada pela noção de hospitalidade. Hospedar o espírito e o outro humano perfazem duas faces de um só movimento que é a abertura ao estranho a nós mesmos e, ao mesmo tempo, o caminho para o encontro de cada um consigo mesmo. Tal reflexão, para além de nos permitir a compreensão de uma vida como a de Pedro, é também orientadora para a ação humana. O testemunho de Pedro, assim como do Papa Francisco ou do outro Francisco, aquele de Assis, servem para nós como chamado para a realização no mundo da ética eminentemente cristã.

A espiritualidade que tem lugar em face ao Deus encarnado, o Deus feito carne que comeu, bebeu e sujou os pés de terra, é a espiritualidade também encarnada. É na vida e em meio às pessoas e às estruturas sociais que o cristão vive, à escuta do sopro de Deus e da dor do irmão.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Marília Murta de. A mística encarnada de Pedro Casaldáliga. In: *Pensar* – Revista eletrônica da FAJE. Belo Horizonte, MG, v. 11, n. 2, dez. 2020, p. 77-95. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar>. Acesso em: 8 fev. 2021.

BINGEMER, Maria Clara. Dois absolutos: Deus e a fome. In: *Jornal do Brasil*, 10 abr. 2014. Disponível em: *Dois absolutos: Deus e a fome* (jb.com.br). Acesso em: 11 nov. 2021.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Clamor elemental*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1971.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Experiencia de Dios y pasión por el pueblo*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1983. Versão eletrônica disponível em: *Otros libros de Pedro Casaldáliga* (servicioskoinonia.org). Acesso em: 10 nov. 2021.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Cantares de la entera libertad* – Antología para la nueva Nicaragua. Managua: IHCA, CAV, CEPA, 1984a. Documento em Word disponível em: *Poesía de Pedro Casaldáliga* (servicioskoinonia.org). Acesso em: 9 nov. 2021.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Fuego y ceniza al viento*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1984b.

CASALDÁLIGA, Pedro. *En rebelde fidelidade*. 1984c. Documento em Word disponível em: Outros livros de Pedro Casaldáliga (servicioskoinonia.org). Acesso em: 10 nov. 2021.

CASALDÁLIGA, Pedro. *El tiempo y la espera*. Santander: Editorial Sal Terrae, 1986. Documento em Word disponível em: Pedro Casaldáliga: El tiempo y la espera (servicioskoinonia.org). Acesso em: 31 ago. 2021.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Todavía estas palabras*. 1994. Documento em Word disponível em: Poesía de Pedro Casaldáliga (servicioskoinonia.org). Acesso em: 9 nov. 2021.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Sonetos neobíblicos, precisamente*. 1996. Edición Digital Koinonia. Disponível em: Poesía de Pedro Casaldáliga (servicioskoinonia.org). Acesso em: 9 nov. 2021.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Nuestra espiritualidade*. 1998. Documento em Word disponível em: Outros livros de Pedro Casaldáliga (servicioskoinonia.org). Acesso em: 10 nov. 2021.

CASALDÁLIGA, Pedro. Entrevista na Praça São Pedro. Publicação Verbo Filmes, 2015. Disponível em: VATICANO II - ARQUIVO VIVO (Dom Pedro Casaldáliga) - YouTube. Acesso em: 10 nov. 2021.

CERTEAU, Michel de. *La debilidad de creer*. Buenos Aires: Katz, 2006. p. 191-266.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: Sobre a amizade e a fraternidade social*. Roma, 2020. Versão eletrônica disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 25 nov. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato si'*: sobre o cuidado da casa comum. Roma, 2015. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 15 set. 2016.

IHU - INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Reportagem de 1 jul. 2015. Disponível em: “Sigo com meu irmão Parkinson”, manifesta-se Pedro Casaldáliga - Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Acesso em: 10 nov. 2021.

TAVARES, Ana Helena. *Um bispo contra todas as cercas – A vida e as causas de Pedro Casaldáliga*. Petrópolis: Vozes, 2020.